

## DOR E DANAÇÃO

Sergio Schargel<sup>1</sup>

Eu advirto os leitores mais sensíveis fecharem este conto agora mesmo, principalmente se estiver fazendo uma refeição. O que vem a seguir é um relato sujo de dor, sofrimento e danação que gira em torno de uma italiana maligna sem escrúpulos e uma longa viagem interminável de ônibus para a Eslovênia. Pura dor e danação.

Tudo começa em uma tarde do verão europeu de 2015. Era uma tarde bastante abafada no verão desgraçadamente seco que aquele continente produz. Estávamos, como já foi dito, em um ônibus. Em uma viagem indo de Viena para Ljubljana, Eslovênia.

Ah, Eslovênia. Para aqueles que não conhecem esse pequeno país dos Balcãs que parece vindo de um conto dos Irmãos Green, não os culpo. Isso porque até menos de trinta anos atrás essa pequenina nação era parte da Iugoslávia, aquela bagunça em forma de país que juntava uma porralhada de países que se odiavam. Imagino a lógica dos criadores da Iugoslávia, quase tão boa quanto a dos criadores do Império Austro-húngaro. Deve ter sido tipo “ah bora botar um bando de arrombado que quer se matar juntos no mesmo espaço, aposto que eles vão ficar tranquilos e nem vai dar merda”. Porra.

Como eu dizia antes de ser bruscamente interrompido por mim mesmo, estávamos em um ônibus de Viena para Ljubljana. E por estávamos eu quero dizer eu e minha na época atual e agora ex, Joanna. Descíamos da Holanda até a Croácia, já se aproximando da metade para o fim da nossa pequena aventura. Eis que, sentados nos bancos em frente ao banheiro em uma viagem que tinha tudo para ser tranquila e favorável, algo terrível e fétido aconteceu. Tudo por causa de uma maldita italiana que deve ter comido muita lasanha no almoço e resolveu espalhar o resultado disso por todo o local.

O leitor mais sensível talvez queira se retirar agora e o mais perspicaz já deve ter percebido que essa é uma história bem merda. Ou melhor, uma história que envolve merda, em toda a sua glória. Não me entendam mal, eu sou um grande defensor dos

---

<sup>1</sup> Mestrando em Literatura, Cultura e Contemporaneidade na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Brasil. E-mail: [sergioschargel\\_maia@hotmail.com](mailto:sergioschargel_maia@hotmail.com).

direitos da bosta na sociedade, mas apenas quando é a minha ou a bosta de amigos. Não sou preconceituoso, mas o cocô alheio incomoda, principalmente quando você tem que conviver com ele durante cinco horas em um ônibus lotado sem poder mudar de lugar. Principalmente quando o cheiro daquilo fica tão impregnado na sua mente que você até hoje, quatro anos depois, ainda tem pesadelos com o dito cujo. Eu tento esquecer para não doer, ignorar para não sofrer, mas a lembrança continua bem viva na minha mente.

Pois bem, decorrido cerca de trinta minutos de viagem, enquanto ainda tínhamos a ilusão de que seria uma trajetória tranquila e cândida, veio uma italiana ~~pedir uma pizza~~ usar o banheiro que, importante ressaltar, ficava na nossa frente. Até aí tudo bem, apenas mais uma pessoa indo usar o banheiro, certo? De forma alguma isso vai nos afetar, tanto que nem sequer prestamos atenção naquilo. Até a merda nos atingir. Quase que literalmente. Distraídos e conversando ainda inconscientes do destino que nos aguardava, a vimos sair do toalete, olhar para os dois lados, dar uma espécie de risadinha contida e voltar para o seu lugar. E foi neste momento que as coisas começaram a feder. Dessa vez, sim, literalmente.

Existem destinos ruins, como morrer num desastre nuclear, e existem destinos desumanos que provam que deus realmente não existe. O destino que nos aguardava era dessa segunda opção. Ao sair do banheiro, um aroma inconfundível de merda começou a, gradativamente, infestar o lugar. A primeira a sentir foi Joanna, logo seguida por mim. Não sei direito o que a italiana tinha feito – ou comido (porque que eu saiba pizza não deixa um cocô tão mal cheiroso assim) – mas o fato é que a coisa estava tão ruim que os efeitos saíam do olfato e você quase tinha a sensação de estar saboreando a bosta.

Importante lembrar também: o ônibus estava lotado. Isto é, não havia para onde correr ou lugar para se mudar. E sendo assim só nos restava aceitar. A única coisa que resta aos desassistidos é a lei, no caso a lei do azar. Aos que nada tem, como nós naquele momento, só restava a obediência e a aceitação. Após ser coagido por uma voz irritada me jurando morte, fui ao banheiro conferir se a moça havia dado descarga naquela bomba atômica e sim, adianto logo os spoilers de que nada ali havia além do fedor.

São nesses momentos que nosso niilismo de cada dia se torna mais e mais forte. Qual o sentido da vida? Por milênios esta pergunta intrigou o homem, mas a verdade é muito simples, a vida não faz sentido. Quer dizer, do ponto biológico até pode-se dizer que

o sentido da vida é nascer, procriar e morrer, mas filosoficamente falando é bastante claro que nada faz sentido. Nem a própria falta de sentido faz sentido, paradoxalmente. E quando entramos em contato com adversidades como fezes podres que parecem terem vindo de uma fusão do Rio Tietê com Chernobyl, a falta de lógica do universo se torna ainda mais presente e forte.

Foram longas quatro horas de viagem que não passavam nunca, mescladas com uma sensação grande de impotência, nojo e raiva. Impotência porque não havia nada a ser feito, absolutamente nada. Eventualmente fizemos uma pausa em Maribor, segunda maior cidade da Eslovênia, para ir ao banheiro (já que o do ônibus estava intransitável) e comer alguma coisa. Foi o suficiente para dar uma respirada. Enfim, depois de muito tempo de uma tortura que parecia ter sido criada para prisioneiros de guerra, chegamos à bela Ljubljana.

É importante dizer também qual foi a nossa surpresa com a capital eslovena. A Eslovênia tinha sido incluída no nosso roteiro de viagem de última hora, por ser uma espécie de passagem entre Viena e Split, na Croácia, por ser barata e por ser um país que eu ainda não conhecia. Não foi a cidade mais bonita que já vi na vida, obviamente, mas acho que junto de Tallinn, capital da Estônia, foi a que mais positivamente me surpreendeu por sua beleza. Ljubljana emanava uma espécie de encanto singular, eu me sentia praticando um fugere urben tirando o fato de que estava na capital de um país, e não em uma cidadezinha rural qualquer. As coisas eram tão pequeninas, mas ao mesmo tempo mantendo um ar de respeito que espantava qualquer condescendência. Era como se a vida ali silenciasse, como se aquela cidade fosse fechada em si mesma, ignorando qualquer apreço do resto do mundo exterior.

Ljubljana é uma cidade de menos de 300 mil habitantes que, mesmo abrigando metade do número de pessoas que São João do Meriti, é a capital de um país, tendo se tornado em 1991 quando a Eslovênia se separou da Iugoslávia. Viajando pelos Bálcãs percebe-se nitidamente o absurdo que era a existência de um Estado como a Iugoslávia. As diferenças entre os países que pertenciam a ela são discrepantes, enormes. É conhecida por abrigar milhares de italianos bêbados procurando um país vizinho para fazer merda durante o verão ou infectar banheiros de ônibus.

Mas se engana quem acha que a dor e danação desta viagem limitou-se apenas ao pântano de podridão que tomou nosso transporte. Há mais.

Não é muito difícil acertar o meu nome, afinal Sergio além de relativamente comum também não é complicado. Claro, minha vida toda escreveram meu nome com acento, quando na verdade não tem, mas não é algo que eu possa culpabilizar alguém já que as pessoas não tem como saber disso. Uma vez jogando boliche a moça responsável por colocar nossos nomes na máquina que contabilizava os pontos conseguiu uma proeza maravilhosa, de alguma forma através de muito esforço, escreveu meu nome como “Cerjo”. O resultado disso, como vocês podem adivinhar, foi que esse passou a ser meu apelido oficial e passei anos sendo chamado assim pelos meus amigos. Dor e danação.

Mas o que aconteceu em Viena conseguiu ser pior. Bem pior, conseguiu superar qualquer imbecilidade que o “Cerjo” possa ter sido. O ônibus, aquele mesmo que seria contaminado pela camarada italiana, saía de manhã bem cedo e, por minha culpa confesso, já chegamos um pouco atrasados na rodoviária. Por sorte ainda com tempo suficiente pra comprar um sanduíche saboroso transbordando gordura que me dá vontade de vomitar só de lembrar. De qualquer forma chega de coisas nojentas neste capítulo, então vos pouparei da descrição do sanduíche e vamos ao que importa: a besteira que a moça da bilheteria fez e que me traria problemas não só na imigração eslovena posteriormente, mas como em minha própria autoestima. A moça visivelmente não queria estar ali, o que é compreensível, afinal seu trabalho não parecia lá dos mais divertidos. Ficar vendendo passagem e aguentando o mau humor dos austríacos o dia todo realmente deve mexer com qualquer pessoa. Mas com uma alegria contagiante nos vendeu a passagem com uma cara de quem preferia estar morta, imprimiu nossas passagens sem nem olhar para o que tinha feito e nos mandou chispar logo em seguida.

Então tudo certo, não nos importamos muito com aquilo afinal tínhamos um ônibus para a Eslovênia saindo em pouco tempo e estávamos viajando. Porém, com o ônibus já em seu caminho e depois inclusive da situação fedorenta com a famigerada italiana narrada no início, resolvemos dar uma olhada na passagem para checar que horas chegaríamos. Qual minha surpresa quando, em vez de meu nome no bilhete, eu enxergo escrito “Polegar Direito”.

A moça conseguiu a proeza de achar que “Polegar Direito” era o meu nome e arrumar um apelido que me perseguiria por toda a vida. Ok, tudo bem, existe a desculpa que ela era austríaca e confundiu-se com o passaporte, porém ao mesmo tempo ela não cometeu o mesmo erro ao fazer o papel de minha namorada e, porra, estava escrito polegar direito com a minha digital logo abaixo. Foi uma mistura de burrice, incompreensão linguística e má vontade mesmo.

O controle migracional por entre países da União Europeia é pequeno, quase nulo talvez, porém existente. Não foram poucas as vezes que passei por cães e policiais nas fronteiras com a Holanda, em grande parte graças à fama holandesa de drogas e o tipo de turismo que a legalização atrai, principalmente de países vizinhos como a Alemanha (é sabido e bastante comum que jovens alemães que moram próximos aos Países Baixos façam uma pequena viagem para lá apenas com o intuito de ficar doidão), motivo pelo qual levou ao país inclusive a tentar proibir a venda da substância para qualquer um que não fosse residente da região. O que como todos já devem imaginar, não funcionou. Fora da Holanda, que mesmo com toda a paranoia das drogas ainda assim não possui uma fronteira super vigiada, em outros países da União Europeia essa vigília é ainda menor. O que não é o caso de fronteiras entre países da UE e países não integrantes do bloco, na qual normalmente a burocracia é grande e complicada. Quase fui barrado uma vez voltando da Ucrânia para a Polônia por causa de uma burocracia absurda e retardada de ambos os países, somados a funcionários da imigração que não falavam uma palavra de inglês.

É previsível o que aconteceu: tive problemas na imigração porque meu nome na passagem não condizia com meu nome do passaporte. Ok, eu poderia romantizar aqui e exagerar um pouco dizendo que a situação foi mega complexa e exigiu até a presença da ONU para resolver, mas vou me ater às verdades, as dificuldades não foram assim tão grandes. Mas existiram. Fiquei cerca de uns dez minutos para conseguir convencer os eslovenos de que meu nome era Sergio Schargel e não Polegar Direito e que eu não tinha roubado a passagem de ninguém ou coisa parecida. Mostrei a marcação de polegar direito no passaporte e tentei explicar o que aconteceu. O pessoal do controle da imigração, como qualquer ser humano, depois que finalmente se convenceram que eu realmente não estava mentindo, soltaram uma não-tão-disfarçada risada.

E foi assim que enfrentei uma das viagens de ônibus mais bizarras da minha vida, um comboio que teve de tudo, desde gases venenosos até problema na imigração. Pura e simples dor e danação, em sua representação mais expressiva. Dor e danação com a qual não se pode lutar, que vem de dentro, do coração, da alma. Claro que existe um certo exagero e as situações relatadas aqui não me incomodaram tanto assim, mas para efeito de romantização, apenas digo dor e danação. Em um dia em que de tudo enfrentamos, de mal cheiro a suspeita de sermos terroristas, a escuridão parecia nos cercar, o destino nos engolir, o fedor a nos envolver. Eu digo isso, e digo agora realmente sem exagero algum, que o fedor daquela longa viagem de ônibus ainda é tão presente em minha mente que só de lembrar ainda consigo senti-lo. Engraçado como uma das minhas memórias mais fortes daquela viagem tenha sido olfativa.

Recebido em 31/08/2020.

Aceito em 15/12/2020.